

PAISAGEM, MEIO AMBIENTE E HISTÓRIA

CATARATAS DO IGUAÇU E RECURSOS FLORESTAIS NA

HISTÓRIA DO PARANÁ (1905-1914)

Cezar Karpinski¹

Resumo: A proposta deste artigo é discutir a obra *Do Guayra aos saltos do Iguassú* de Manoel de Azevedo da Silveira Netto e suas interconexões com a história da região oeste do Paraná. Temos o objetivo de perceber como as construções discursivas ligadas às paisagens naturais das Cataratas do Iguaçú se relacionam com os problemas sociais e econômicos vigentes na época em que o autor morou na Colônia Militar da Foz do Iguaçú (1905) e no tempo da escrita e publicação do livro (1914). Ao descrever e constituir a paisagem das Cataratas do Iguaçú com a finalidade de divulgá-la para o restante do Brasil, Silveira Netto acaba produzindo um documento histórico que possibilita historiar o início de um processo reflexivo sobre belezas/recursos naturais, conservação florestal e conflitos legais sobre domínios pela paisagem.

Palavras-chave: Cataratas do Iguaçú; Paisagem; História; Meio Ambiente; Região Oeste do Paraná.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the work *Do Guayra aos saltos do Iguassú* by Manoel de Azevedo da Silveira Netto and their interconnections with the history of the Western Region of Paraná State, Brazil. The objective is to understand how the discursive constructions connected with the natural landscapes of Iguassu Falls relate to social and economic problems existing at the time the author lived in the Colonia Militar de Foz do Iguaçú (1905) and the time of writing and publishing the book (1914). In describing and to constitute the landscape of the Iguassu Falls in order to divulg it to the rest of Brazil, Silveira Netto ends up producing a historical document that allows to historize the beginning of a process of reflection on beauty / natural resources, forest conservation and legal conflicts dominions on the landscape.

Keywords: Iguassu Falls; Landscape; History; Environment; Western Paraná State from Brazil.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Funcionário da UNIOESTE – Campus de Marechal C. Rondon. E-mail: cezark@hotmail.com.

Tempos Históricos	Volume 15 - 2º Semestre – 2011 – p. 45 - 81 ISSN 1517-4689 (versão impressa) • 1983-1463 (versão eletrônica)
----------------------	---

Considerações iniciais

Este artigo discute aspectos da obra *Do guayra aos Saltos do Iguassú* de Manoel Azevedo Silveira Netto (1914) visando perceber as relações entre a construção da paisagem das Cataratas do Iguaçu e a formação histórica da região oeste paranaense. Ao tentar divulgar as belezas das cataratas no início do Século XX, Silveira Netto acaba contribuindo para uma escrita histórica sobre os aspectos sociais, culturais e econômicos da região paranaense que circunda a paisagem. Além disso, sua obra é um importante registro sobre a exploração florestal às margens dos rios Iguaçu e Paraná e de como se iniciou o processo de devastação da mata atlântica, vegetação dominante na região e que de longe se pode ter uma idéia através do pedaço que sobrou e que hoje faz parte do Parque Nacional do Iguaçu.

Estas análises fazem parte de tese de doutorado em História defendida em abril de 2011 na Universidade Federal de Santa Catarina. Neste trabalho, o objetivo central foi o de discutir como as várias mudanças nas práticas discursivas constituíram diferentes representações sobre o rio Iguaçu e legitimaram ações de interferência humana neste espaço hídrico ao longo da história do Paraná (1853-1969). Sendo as cataratas do Iguaçu uma das interfaces escolhidas para a tese, as questões levantadas por Silveira Netto no início do Século XX possibilitaram discussões a aspectos historiográficos lacunares e que instigam o aprofundamento das questões entre história, paisagem, identidade regional e meio ambiente.

Sobre o autor e a obra em discussão

Nascido em Morretes, Silveira Netto mudou-se para Curitiba aos sete anos e ali morou até seu ingresso, por concurso, na Fazenda

Federal. Antes disso, estudou humanidades e cursou a Escola de Belas Artes de Curitiba. Foi poeta, escritor e cronista, o que lhe rendeu uma cadeira nas academias Paranaense e Amazonense de Letras, sendo considerado um grande poeta do Simbolismo brasileiro.² Além da poesia, Silveira Netto se voltou às características naturais de seu estado natal para constituir esta importante obra narrativa intitulada *Do Guayrá aos Saltos do Iguassú*.³ Nesta obra, sua narrativa constrói uma paisagem singular do estado do Paraná atrelada a uma rede de relações conflituosas que vai desde os maus tratos aos recursos florestais da região a uma disputa com a Argentina na utilização das cataratas como recurso turístico.

O livro publicado em 1914 é, na realidade, um apanhado de textos e documentos organizados por Silveira Netto desde abril de 1905, ano em que, por conta de seu cargo de 1º Escriurário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional do Paraná na Fazenda Federal, foi enviado à Colônia Militar do Iguaçu com o intuito de instalar a Mesa de Rendas Federais da Foz do Iguaçu.⁴ Desta forma, passou a conhecer e defender a região oeste do Paraná, criticando seu abandono e divulgando as belezas naturais daquele território cercado pelas águas dos rios Paraná e Iguaçu. Porém, foram suas ligações com os intelectuais ligados ao Simbolismo que o impeliram, em 1910, a realizar uma conferência sobre os saltos “guayra” e “iguassú” num evento organizado por Nestor Victor⁵ que se chamou “Sabbados Literários”. Tais conferências realizaram-se no salão nobre da

² Sobre o Simbolismo no Brasil cf. Massaud (1966) e GOMES (1999).

³ O livro em questão não trata apenas das Cataratas do Iguaçu. O autor constitui também a paisagem das quedas do rio Paraná em Guaíra, as Sete Quedas, submersas na década de 1980 pela construção da Hidrelétrica de Itaipu. Contudo, analisaremos apenas as alusões e discursos voltados às Cataratas do Iguaçu, embora, o sentido do texto para uma e outra queda d’água seja muito semelhante.

⁴ A Mesa de Rendas Federais da Foz do Iguaçu foi criada pelos decretos legislativo nº 1.209, de 31 de julho de 1904, e executivo nº 5.283, de 9 de agosto do mesmo ano.

⁵ Nestor Victor dos Santos (1868-1932) nasceu no Paraná, mas desde 1891 fixou moradia no rio de Janeiro. Poeta, escritor, ensaísta, contista, conferencista e crítico, é um personagem que contribuiu bastante para a difusão dos autores e das idéias do Simbolismo. Para mais detalhes cf. MELLO (2008).

Associação dos Empregados no Comércio, do Rio de Janeiro, na Avenida Central, hoje Rio Branco.

Segundo Silveira Netto, ficara sob sua responsabilidade, num destes sábados, uma conferência sobre os *Saltos do Iguaçu*, o que originou uma narrativa das impressões que ele recebera “ante o assombroso espectáculo das grandes cachoeiras, e mais da flora opulenta e dos aspectos que, durante um anno, observara e admirara no longinquo recanto da patria brasileira.” (SILVEIRA NETTO, 1914:10).⁶ Depois da conferência, Silveira Netto resolveu organizar um livro juntando à sua narrativa algumas fotografias de Aristides de Oliveira, resultado da visita deste fotógrafo às cataratas em 1905. Sendo assim, em 1914 é publicada a primeira edição de *Do Guayrá aos Saltos do Iguaçu* com a inserção de imagens fotográficas sobre as cataratas do Iguaçu, certamente um recurso que revolucionaria a divulgação da paisagem constituída até então, no Brasil, somente pela narrativa.

É importante ressaltar que na obra em questão, a narrativa de Silveira Netto está impregnada de relações que não se limitam ao espaço natural ou à realidade social que procuraram “descrever”, pois nelas se insere também o campo das sociabilidades, com a influência das relações de convívio, daquilo que leram e para quem escreveram. Como nos alerta Chartier, embora essas representações aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão elas são sempre forjadas a partir de interesses de determinados grupos. Além disso, estas percepções do social não se apresentam na forma de discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas “que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar,

⁶ Optamos por preservar a escrita original do documento.

para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. (CHARTIER, 2002:17).

Por outro lado, seguindo ainda o pensamento de Chartier, todo este processo que envolve percepção e construção de representações constrói um sentido, por isso nossa direção às práticas discursivas presentes nestas narrativas. Embora contraditórias e obedientes a interesses e relações de poder bem delimitadas, estas práticas acabam dando significado histórico ao rio, às cataratas e à própria região. Isso se deve ao fato de que, como práticas discursivas, são “produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões”. (CHARTIER, 2002:28). Sendo assim, a leitura de Silveira Netto sobre a região dos grandes saltos colabora para o início de uma história regional pautada nos recursos naturais do território.

Com essas características, entendemos que o livro em questão é um marco para a história da região hoje denominada costa-oeste do Paraná, pois nela estão inseridos, de forma organizada, alguns dos primeiros registros imagéticos deste “território das águas”. De um lado, registros fotográficos da extinta Sete Quedas, muito antes de qualquer especulação em torno da possibilidade de construção da Hidrelétrica de Itaipu, do outro, imagens das quedas do Iguazu. Desta forma, entrou em cena, a própria “cena”, o próprio cenário visualmente inscrito nas imagens inseridas entre uma narrativa e outra de Silveira Netto. E não são apenas imagens das cataratas que constituem o arsenal imagético-discursivo de Silveira Netto. As 40 imagens inseridas no livro retratam a vegetação, os portos do rio Paraná, as habitações populares, as plantações, engenhos de cana-de-açúcar e as construções utilizadas no beneficiamento da erva-mate, as formas de exploração da madeira, o núcleo populacional da colônia militar do Iguazu, mapas e plantas dos saltos.

Além das imagens e do texto narrativo, Silveira Netto utiliza também a poesia a fim de ampliar os espaços possíveis e imagináveis para a construção da paisagem das cataratas. Através das imagens poéticas inscritas nas poesias aos rios Iguaçu e Paraná, Silveira Netto amplia as possibilidades de formação discursiva em torno de uma beleza que, segundo ele, deveria ser assumida com o compromisso do zelo e da preservação não apenas de um espaço natural, mas também de um espaço de repercussão cultural. Não é à toa que ele iniciou a sua conferência com a declamação do soneto *Iguassú* de Serafim França,⁷ escrito especialmente para esse fim e que Silveira Netto também fez questão que estivesse na primeira edição da obra publicada.

IGUASSU'

O rio é ampla caudal de agua macia e limpa !
Vem de longe a rolar, languido, de onda em onda,
Aqui marulha, ali na rocha a vaga chimpa
A espumar e a encobrir thesoiros de Golconda.
De repente contrae-se e, encapellando-se, impa,
Encrespa a juba, o dorso empina, ergue e
esbarronda,
Rompendo o monte, a rocha eril que, em furia,
grimpa
E do alto, heroica, rue a catadupa hedionda
Do solemne scenario o tragico ribombo
E' a fanfarra infernal qué entre os caxões detona
Abalando a amplidão ao formidavel tombo !
A' frente tudo se abre ao fragor largo e fundo !
Céde a rocha, a montanha, – é um mar que desmorona
E'pico, n'um furor de avassalar o mundo ! (FRANÇA,
1910)

Além deste soneto sobre o rio Iguaçu, mais especificamente sobre as cataratas, o próprio Silveira Netto insere uma poesia de sua autoria, escrita em 1903 sob o título “Ode ao Paraná”. Nesta longa e densa poesia em homenagem ao cinquentenário da emancipação

⁷ Poeta e intelectual destacado na sociedade paranaense, Serafim França (1888-1967) foi incluído por Silveira Netto entre os intelectuais “de uma nova geração do Paraná”. Cf. Silveira Netto (1914:11)

política do Paraná, recortamos alguns versos sobre o assunto que nos detêm neste artigo:

E a natureza, sumptuosa e agreste,
Canta te ao redor uma epopeia ardente,
Desde o rio do qual o teu nome trouxeste,
Marulhando e rodando a ligeira corrente;
Até a orquestração que ao Infinito brames
Das cachoeiras que teu seio encerra,
Quer *Sete Quedas*, quer as do *Iguassu* proclames
As maiores do mundo, ó minha Terra !
Um mar em jorro, mar amplo e desfeito,
Que se despenha d'alto a baixo insano,
As cataratas – marmor liquefeito –
São um cartel jogado ao gênio humano. (SILVEIRA
NETTO, 1903)

Ao iniciar sua obra construindo, através de textos poéticos, o espaço que será o objeto de sua narrativa, Silveira Netto utiliza a liberdade do verso para “comunicar”, “narrar” e “apresentar” as paisagens de seu estado natal. As imagens que emergem de suas lembranças e que produzem sua poesia serão o início de um discurso que não fugirá de um debate repleto de juízos de valor acerca da situação em que se encontrava a fronteira oeste do Paraná. Sendo assim, entendemos que tanto o soneto de Serafim França quanto a ode de Silveira Netto, não estão em seu livro de forma ilustrativa e romanesca. Pelo contrário, fazem parte de um arsenal discursivo a fim de contribuir na trama que será travada durante a narrativa sobre as cataratas do Iguaçu e todos os assuntos que serão discutidos a partir dessa paisagem. Narrativa, poesia e imagem: eis o arcabouço pelo qual Silveira Netto promoverá a discussão em torno dos rios Iguaçu e Paraná que identificam a região inserida nesse território das “maiores cachoeiras do mundo”.

O início na colônia

Silveira Netto, ao se instalar com sua família, no dia 19 de abril de 1905, numa casa de madeira na barranca do rio Paraná onde funcionava a Mesa de Rendas que administrava, deparou-se com as dificuldades que encontraria para desempenhar seu trabalho de “fiscal” na região.

Luctando com enormes dificuldades para o inicio dos nossos trabalhos, em um lugar onde era escasso até o homem para os misteres rudes da repartição, e desapoitados de qualquer concurso estranho, mesmo da directoria interina da Colonia, para a implantação do regimen e autoridade fiscal naquelle porto de completa franquia, anteriormente, e servindo a duas extensas costas de todo desabrigadas de vigilancia, ali iniciamos uma vida de actividade funcional e de limitados costumes particulares. (SILVEIRA NETTO, 1914:58)

Certamente, morar neste local representou uma drástica mudança no cotidiano desta família, acostumada à vida social da capital do estado. Entretanto, mesmo sendo poucas as possibilidades de relações entre aqueles que Silveira Netto considerou como membros de um “círculo social” na colônia, sua narrativa possibilita traçar as primeiras descrições de uma nascente “elite” desta fronteira. Neste sentido, ele vai nominando uma série de personalidades que moravam e visitavam a colônia no início do século passado. Entre estes aparecem comerciantes, proprietários de portos ou fazendas, militares, funcionários públicos e visitantes ilustres, principalmente o fotógrafo Aristides de Oliveira, autor de inúmeras fotografias inseridas no livro. Entre estes e outras personalidades Silveira Netto construiu os laços de sociabilidade que lhe renderam boas lembranças e até um compadrio entre os moradores da colônia. Essas pessoas o acolheram como um membro da sociedade durante o ano que lá viveu e foram responsáveis pelo

espírito de camaradagem que percorreu seu “agreste retiro das margens do Paraná e do Iguassú”. (SILVEIRA NETTO, 1914:63)

Durante a descrição da viagem Silveira Netto explica as formas de chegada à colônia militar: por terra o trajeto era feito de trem entre Curitiba e Ponta Grossa, de carro de Ponta Grossa à Guarapuava e dali em diante somente a cavalo. No entanto, Silveira Netto fez outro trajeto, partindo de navio do Porto de Paranaguá com destino ao rio da Prata. Tal viagem levou trinta dias com interrupção de algumas horas em Montevidéo, uma semana em Buenos Aires, um dia em Rosário e outro em Posadas. Como se percebe, o problema de acesso à colônia representava um grande empecilho para o povoamento da região, fato que levantou a primeira crítica de Silveira Netto à situação de comunicabilidade da fronteira.

[...] seguimos rumo das fronteiras do *Paraná* e *Iguassú*, com o dispêndio dos 30 dias de viagem do porto inicial ao terminal, entre navegação e paradas e com baldeação em quatro linhas de vapores. Para evitar trabalhosa e lenta viagem por terra obrigamo-nos, como se vê, a navegar por domínios estrangeiros e em demorada travessia a fim de chegarmos ao littoral fluvial do mesmo Estado. Ha tanto nos levou o descuido governamental do imperio, abandonando aos azares de aguas estrangeiras e às macabras contingencias do sertão a vida e o destino de regiões ferazes como as de Matto Grosso e as da Fóz do Iguassú, com fronteiras do maior interesse estrategico. (SILVEIRA NETTO, 1914:34-35)

Por mais que Silveira Netto culpe o governo imperial por tal abandono, e seria difícil mesmo ele culpar o governo da república, do qual era funcionário, a crítica serve para estabelecer o longo tempo de “descuido” desta região tão “estratégica”. Contudo, mesmo se queixando da cansativa viagem, Silveira Netto faz questão de assinalar que “aparte dos aspectos platinos, luxuosos e por vezes monótonos” a viagem rio acima se fazia “confortavel e deliciosa, livre

do balanço do mar e jovialmente repontada de alegres e pittorescos incidentes”. (SILVEIRA NETTO, 1914:35)

Durante as lembranças do tempo em que esteve a bordo do vapor argentino e saudoso dos ares e costumes brasileiros, Silveira Netto narra a emoção que a vista do encontro das águas do Iguaçu e do Paraná causava ao viajante. Segundo ele, a barra do Iguaçu oferecia aos viajantes uma água límpida e com esta os brasileiros saudavam a entrada em domínios nacionais. Para Silveira Netto, “a chegada á fôz do Iguassú é de particular contento para o filho das plagas paranaenses, porque esse rio que na fôz determina uma divisa do Brazil com a Republica Argentina é integralmente paranaense”. (SILVEIRA NETTO, 1914:35-36).

Pela narrativa de Silveira Netto, o rio símbolo do seu estado natal é o Iguaçu e não o Paraná. Mesmo estando a dias viajando sobre as águas deste último, que é o rio que deu o nome ao próprio estado, a identificação do viajante paranaense ocorre somente diante dos sentimentos que emergem no momento em que consegue avistar o Iguaçu, por ser este “integralmente paranaense”. Neste sentido, a noção de pertencimento do rio Iguaçu ao estado do Paraná constrói a identidade do próprio narrador, atrelada ao espaço hídrico que fornece a água “mais limpa”, que é motivo de saudações e que estabelece fronteiras. Não apenas fronteiras territoriais entre Brasil e Argentina, mas também as de identidade constituídas a partir de uma cultura que relaciona o rio ao estado que ele percorre.

É digna de nota também nesta narrativa da chegada à foz do Iguaçu, a constituição da paisagem de fronteira. Silveira Netto detalha o vértice formado pelos dois rios e a singularidade deste espaço hídrico que separa três países. Além do elemento “água”, os elementos “rocha” e “vegetação” também fazem parte desta paisagem que engloba Argentina, Brasil e Paraguai.

A confluência dos dois rios estabelece uma notável e original feição geográfica nesse ponto, pela coincidência rara e sympathica de reunir as tres costas limitrophes: brasileira, argentina e paraguaya, fronteiras uma das outras, separadas unicamente por aquellas *aguas* internacionais. A costa brasileira corre á margem esquerda do Paraná e á direita do Iguassú; a argentina á esquerda deste; e a paraguaya á direita d'aquelle; caracterizadas por altas barrancas cobertas de compacta *vegetação*; com especial destaque a margem paraguaya que se ergue em maior extensão fronteira á nossa, como formidavel muralha de arvoredos, reverdecendo pela *rocha* acima. (SILVEIRA NETTO, 1914:36 grifo nosso)

Aqui podemos fazer um paralelo com as discussões de Simon Schama em *Paisagem e memória*, principalmente as relativas à quarta parte do livro dedicada à *Mata, Água e Rocha*. Segundo Schama, de alguma forma, juntos ou separados, estes três elementos fazem parte de todas as paisagens representadas tanto nas obras de arte quanto nas memórias dos humanos. (SCHAMA, 1996:513-573). Para estas discussões, Schama se inspirou em Gaston Bachelard que, em *A poética do espaço*, procurou entender a poeticidade, a sensibilidade e a intimidade do espaço nas relações cotidianas do homem. Para Bachelard, a materialidade e resistência do espaço que circunda o ser humano oferecem-lhe outros tantos significados que podem ser representados em suas sensibilidades. Essa análise do lugar, das paisagens dentro de diversas memórias privilegia o espaço em detrimento ao tempo e é justamente essa a proposta de Bachelard que afirma que a memória não registra a duração, mas os espaços. (BACHELARD, 2005:28-29). Talvez resida aí uma boa explicação para presença e o uso dos elementos mata, água e rocha na constituição das paisagens.

Pelo menos foi a forma utilizada por Silveira Netto, pois o espaço de “aguas”, “vegetação” e “rocha” marca a narrativa de chegada ao espaço limítrofe de Brasil, Argentina e Paraguai. A construção da paisagem neste caso, também é um reflexo do que estes espaços representaram ao sujeito da narrativa, diante dos sentimentos que o afetaram e dos significados que foram por ele atribuídos. Sendo assim, podemos afirmar que a paisagem nesta narrativa de Silveira Netto é também um “lugar de memória”, pois a ela pode se atribuir um caráter primordial de visualização que acaba atualizando sentimentos, signos e significados relacionados ao espaço.

Principalmente se levarmos em conta a aliança entre a narrativa e a inserção da imagem fotográfica da tríplice fronteira, uma das primeiras, ao que tudo indica, a fazer parte de uma publicação paranaense sobre a fronteira oeste do estado e que pode ser visualizada pela Figura 01.



FIGURA 01. Barra do rio Iguaçu no rio Paraná
FONTE: Oliveira [1905]

Esta fotografia tirada do lado brasileiro focaliza bem a confluência do Iguazu no Paraná proporcionando a visualidade deste espaço hídrico constantemente descrito nos diários e relatos de viagens realizados nesta região desde o Século XIX. No Paraná, desde o primeiro relato dos Presidentes da Província (1853) buscou-se constituir essa paisagem final do rio Iguazu que, após percorrer o território paranaense desde suas nascentes próximas à Curitiba, se lança no imenso Paraná. Neste sentido, a imagem reproduzida pela Figura 01 representa a inserção do visual à constituição das paisagens do rio Iguazu e é mais uma forma de discurso sobre o mesmo.

Uma Região estrangeira no Brasil: rios e exploração no Oeste do Paraná

Depois de relatar as formas de viagem e os trajetos feitos para chegar à foz do rio Iguazu e à colônia formada sobre a barranca do rio Paraná, Silveira Netto constrói uma narrativa sobre a região banhada pelas águas desses dois rios. Procura descrever as características físicas, os significados das palavras indígenas referentes aos dois rios que, segundo ele, são símbolos para o estado do Paraná, enfim, historia o processo de constituição da região a partir da história dos dois rios em questão. Se, por um lado, a descrição do rio Paraná é rápida e superficial, por outro, a descrição do Iguazu é minuciosa, detalhada e atrelada à história do próprio estado do Paraná, construindo uma identidade entre rio e território: “o rio Iguassú, já o disse, é todo paranaense”. Explica que sua formação se deve aos rios menores que banham a capital do estado e que, por cortar o território estadual de Leste a Oeste, recebe inúmeros tributários. Afirma a importância da navegação por pequenos vapores e lanchas do *Porto Amazonas* à *União da Victoria*, o que possibilitou, em sua margem esquerda, o enriquecimento de

colônias, vilas e povoados, “cheios de vida, onde o sulco vitalizador do arado coalha-se de sementes, como de globulos vermelhos a artéria do organismo sadio”. (SILVEIRA NETTO, 1914:39-40).

Não se furta de descrever uma das principais características do Iguazu que são os espaços de curvas e corredeiras que se fizeram insuperáveis à navegação. Descreve o “turbilhonar” de suas águas após os saltos Cayacanga e Vitória até formar, pouco antes de desaguar no Paraná, a “olympica nevrose das grandes cachoeiras”. (SILVEIRA NETTO, 1914:40). Sobre a etimologia da palavra “Iguassú”, Silveira Netto cita o escritor argentino Florêncio de Basaldúa que estudou, na Argentina, a história da população indígena do território, suas lendas, costumes e línguas. Segundo Basaldúa,

La etimología, que a nuestro juicio, corresponde a este rio – cuja característica son sus grandiosas cataratas – es la voz guarani que expresa estas ideas: *ugau* significa catarata, *I-guazu* significa *grande*, de maneira que *Ugau-ugasu*, contraído ahora por el uso em *Uguazu*, que significa *grandes cataratas*, expresa exactamente el admirable quadro que los indígenas contemplaron, nombrando-lo com las voces que lo describen graficamente em su idioma guarani. (BASALDÚA, 1901).

Além das contribuições do escritor argentino, sobre as origens etimológicas do termo “Iguaçu”, o livro de Silveira Netto é constantemente enriquecido com várias citações de autores que visitaram, discutiram e pensaram a região em algum momento. Desta forma, a constituição da paisagem dos rios Paraná e Iguazu, em sua narrativa, faz parte de um projeto maior de construção da própria região dentro de paradigmas que obedeciam aos anseios de criação de uma identidade paranaense. Pois, não se pode esquecer, que a Colônia Militar do Iguazu havia sido emancipada em 1912 tornando-se um povoado civil sob os cuidados do governo estadual.

Ao organizar o livro para publicação em 1914, Silveira Netto ateuve-se aos fatos políticos que, de certo modo, modificaram a estrutura político-administrativa da colônia em que viveu no ano de 1905.

Este dado é importante para a interpretação desta fonte que, embora apresente características de uma narrativa de viagem, possui distinções que devem ser levadas em conta na análise. O resultado final deste trabalho de Silveira Netto estabelece um recorte temporal longo num texto marcado por aquilo que faz parte de suas memórias e de seus conhecimentos a respeito da produção intelectual paranaense sobre a fronteira. Ao mesmo tempo em que se torna fonte para este artigo, é também produzida por fontes da época que apresentavam um forte apelo ao regionalismo e à efetivação do estado do Paraná como um estado sulista jovem e forte. Esse contínuo “ir e vir” no tempo caracteriza a narrativa de Silveira Netto que, singularmente, utiliza esse recurso para fundamentar suas críticas aos poucos cuidados que tal região recebia da nação.

Com essa intenção ele insere as considerações de Sebastião Paraná em *Chorographia do Parana* (PARANÁ, 1899), as discussões de Virgílio Nascimento em *Pela Fronteira* (NASCIMENTO, 1903) e os dados de relatórios feitos no início do Século XX pela Comissão de Estradas, ligadas à Comissão Estratégica do Paraná. Esse conjunto de autores que, desde a época finissecular, descreveram a região e “denunciaram” o descaso e o abandono destas terras do oeste, reforçam a postura também crítica de Silveira Netto de que a emancipação da colônia e a conseqüente mudança de estrutura administrativa de federal para estadual, não colocaria fim a este estado de pobreza se não houvesse injeções de recursos para tomar posse de bens e serviços que até então estavam sob domínio estrangeiro.

Sem dúvida, a principal característica incutida por Silveira Netto nesta obra é a do domínio estrangeiro sobre os recursos

naturais e comerciais da fronteira: eram de argentinos e paraguaios os principais investimentos na navegação, no corte da madeira, na extração do mate, no comércio e, como veremos adiante, na utilização das cataratas como fonte de lucro com as viagens excursionistas. Além disso, os costumes, a língua e a moeda corrente durante sua estadia e durante vários anos seguintes eram também de dominância estrangeira.

Ao chegarmos, em 1905, a feição característica da Colonia era mais de uma povoação estrangeira; raro, o dinheiro nacional quando apparecia, era mais como um hospede, prevalecendo no commercio local, para todos os effeitos, o *pezo*, papel argentino. Apesar de agricola e pastoril, como por lei era declarada [...] todos os generos de primeira necessidade, mesmo os productos de pequena lavoura, e até aves domesticas eram adquiridas a bordo dos vapores [estrangeiros]. (SILVEIRA NETTO, 1914:61 grifo no original).

Toda essa elaboração, marcada por um discurso pejorativo que denunciava e reprovava ao mesmo tempo o domínio estrangeiro na colônia, contribuiu para a construção de uma região bela e indevidamente explorada, o que não parece ser novidade se levarmos em conta narrativas anteriores às de Silveira Netto. (cf. MURICY, 1896 e NASCIMENTO, 1903). Contudo, Silveira Netto agrega a essa exploração estrangeira mais um fator negativo: a destruição desordenada da floresta, o que inaugura, no nosso entendimento, uma das primeiras discussões sobre a necessidade de preservação florestal na região. A necessidade de tomar posse destas terras ganha, a partir de então, mais um apelo: caso não houvesse políticas que delimitassem a prática exploratória, e poder de polícia que fizesse valer as leis que estabeleceram a região como agropastoril, em

pouco tempo desapareceriam as riquezas florestais que margeavam os rios Paraná e Iguçu na fronteira oeste do estado do Paraná.

Silveira Netto procurou relatar o processo de ocupação estrangeira na região, a fim de fundamentar suas preocupações com a devastação desordenada das florestas do lado brasileiro. Ele explica que, a partir de 1887 houve uma grande ocupação argentina devido a uma desarmonia entre população e governo no território das Missões. Foram esses povos das Missões que, habitando o povoado, iniciaram, segundo Silveira Netto, as práticas de exploração da madeira e da erva. De certo modo, Nascimento (1903:114) já denunciava essa prática criticando as formas de exploração dos “capitalistas estrangeiros” que ao chegarem obtiveram as concessões de terra para fins exploratórios. Contudo, em Nascimento a crítica pesava sobre as formas de dominação destes estrangeiros aos colonos brasileiros que praticavam a agricultura, já Silveira Netto vai estender sua crítica às formas de manejo dos recursos florestais. Para Nascimento, os argentinos impediam os brasileiros de agir conforme a determinação legal que instituiu a colônia como um espaço agropastoril e não de exploração, tornando os poucos habitantes nacionais escravos de suas práticas capitalistas. Já para Silveira Netto, a preocupação não está nas relações de trabalho entre uns e outros, mas sim nas relações que os “outros” mantinham com a floresta, denunciando uma ação típica de quem não se preocupava com o futuro do território. As relações destes com o espaço eram apenas as que possibilitassem maior acúmulo de riqueza em menor tempo e da maneira mais fácil. Desta forma, como aponta Silveira Netto, apesar da fertilidade das terras para a prática da agricultura, esses habitantes estrangeiros “se dedicavam quasi que exclusivamente á exploração da herva-matte e do córte da madeira, soffrendo com isso as mattas cruél devastação.” (SILVEIRA NETTO, 1914:43).

O que distingue a crítica de Silveira Netto às formas de exploração estrangeira de outros autores que escreveram sobre a região em fins do Século XIX e início do XX é, justamente, a inclusão desta prática de devastação. Com esta afirmação, Silveira Netto é quem inicia, na primeira década do Século XX, uma discussão em torno da necessidade de preservação do espaço florestal através de um manejo correto que intercalasse exploração e agricultura, não sendo apenas a primeira a forma vigente no manejo dos recursos naturais existentes no ângulo dos rios Paraná e Iguaçu. Se a colônia era por lei agrícola e pastoril, o que deveria ser feito era apenas fazer valer a lei, a fim de que se constituísse um território que, mesmo sofrendo exploração, não fosse devastado, como nos indica a citação a seguir:

A Colonia era, por lei, agrícola e pastoril, mas a criação e o cultivo do sólo feraz foram por largo tempo ludibriados inteiramente; em seu nome o que havia era a cruel devastação da floresta, que ainda perdura entretanto; o possante arvoredado, obelisco druidico da selva, abatido às porções, impiedosamente reduzido a toros e planchas, para fluctuarem em jangadas rio abaixo, rumo do estrangeiro, em favor dos exploradores da nossa grandeza florestal. Da mesma forma o *ilex*, a herva-matte, é também devastado sem amor e sem methodo pelos exploradores. (SILVEIRA NETTO, 1914:44).

Entre as espécies mais abundantes na floresta, Silveira Netto afirma que, por serem mais leves, o cedro (*Cedrela fissilis*) e o louro (*Bastardiopsis densiflora*) eram as preferidas, pois suas toras adaptavam-se perfeitamente ao transporte em balsas que deslizavam rio abaixo. Além desses, havia ainda grande quantidade de taruman (*Vitex montevidensis*), monjolo (*Acacia poliphylla*), peroba (*Aspidosperma polyneuron*), cabriúva (*Myrocarpus frondosus*), canjerana (*Cabralea canjerana*) e guajuvira (*Patagonula americana*),

que também eram alvo de exploração, mas em menor densidade. Os rios facilitavam o escoamento da madeira e do mate que eram extraídos de suas encostas sem nenhuma metodologia que prevenisse a devastação, tais como o cuidado com as árvores jovens e a estação propícia para o corte da madeira e da erva-mate. Com estes dados é possível afirmar que o discurso de Silveira Netto, apesar de construir uma paisagem florestal grandiosa, não constituiu um ufanismo desmedido dos recursos naturais da região. Pelo contrário, chama a atenção para um fato que até então não se questionava, a duração destes bens naturais diante da atividade exploratória.

Devastação florestal e racionalidade nos usos da cobertura vegetal da região

É certo que esta discussão acrescenta mais densidade às questões do domínio estrangeiro na fronteira por serem eles os “culpados” por essa devastação desenfreada e sem “amor” pelo território. No entanto, o questionamento perturbador recai também sobre as representações da natureza e de seus recursos, que até então emergiam num discurso de riquezas sem fim, que precisavam submeter-se aos domínios do Brasil, fazendo com que, embora em outras mãos, a exploração continuasse. Ao afirmar que a floresta já se ressentia da “larga e anárquica devastação”, Silveira Netto não apenas denuncia os maus-tratos advindos dos exploradores estrangeiros, como também instaura a necessidade de rever as formas de dominação da natureza, explorando sim suas riquezas, porém, com cuidado. Sua opinião não era a de “conservar a selva intangível, como um recanto sagrado, impenetrável nos seus reconditos, para o gozo platônico do viandante e para documento virgem da colossal e decantada riqueza natural do Brasil” (SILVEIRA NETTO, 1914:71), mas a de que houvesse, na apropriação deste bem, mais cuidado, maior zelo e preocupação com o futuro desta

riqueza. No lugar de devastar desordenadamente a floresta, ele defende um manejo racional dos recursos (por ele denominado *aproveitamento methodico*), com estudos prévios sobre tipos de vegetação que contivessem o nome, tamanho, emprego da madeira, quais as mais próprias para o ar, para o chão, para a água, duração em qualquer destas circunstâncias e a época mais favorável para o corte. Além disso, que fossem delimitadas, anteriormente, as formas de manejo e a escolha das zonas a serem exploradas, de forma a não desarborizar por completo determinados pontos.

Embora tenhamos por objetivo não fazer analogias e muito menos criar anacronismos, não há como não aproximar as discussões de Silveira Netto às discussões atuais sobre “corte seletivo”, “planos de manejo”, “ilhas de produtividade” que fazem parte de um arcabouço discursivo que constrói novos saberes ligados à ecologia e a preservação ao meio ambiente. Assim entendemos porque os apontamentos de Silveira Netto fazem emergir no início do Século XX uma multiplicidade de assuntos que, com outras roupagens, são discutidos atualmente, principalmente a sua defesa à utilização dos recursos da floresta para pesquisas científicas na área da farmacologia, geografia e climatologia. A primeira, na busca por novos medicamentos, a segunda e a terceira, respectivamente, para entender até que ponto as florestas intervinham na formação geográfica e climática da região. Segundo Silveira Netto, caso as florestas fossem destruídas antes dessas pesquisas, perder-se-ia grande oportunidade de conhecimento sobre a História Natural do Brasil.

Não é somente o aproveitamento methodico d'essa riqueza para a exportação da madeira que devemos ter em vista; outros filões para a especulação científica e comercial opulentam a grandeza das florestas; as resinas, os elementos medicinaes, as plantas trepadeiras,

a feição peculiar com que as mattas concorrem á geographia da zona; e, sobretudo, a acção poderosa e benefica exercida pela vegetação quanto ao clima e outras condições de habitabilidade e producção locais. (SILVEIRA NETTO, 1914:71).

A grandeza das florestas não se definia apenas na utilização da madeira para fins comerciais, pois, outras especulações poderiam ser aproveitadas nesta nova forma de domínio sobre a natureza. Seus argumentos caminham no sentido da necessidade de conhecer e especular cientificamente as diversas formas de aproveitamento da cobertura vegetal que circundava os rios Iguaçu e Paraná. Este novo tipo de exploração, defendida por Silveira Netto, se distinguia da que era feita pelo fator da racionalidade que deveria ser adotada na conduta daqueles que faziam este trabalho de aproveitamento da cobertura vegetal da região. O domínio sobre a floresta passaria, primeiramente, pelo conhecimento de sua potencialidade que geraria uma série de estudos sobre o conjunto ambiental que as formava. Desta forma, Silveira Netto inseriu nesta discussão sobre os recursos florestais, a própria região oeste que, nos territórios de fronteira internacional banhados pelo Paraná e Iguaçu, estavam sob o controle de estrangeiros que, segundo ele, apenas retiravam a cobertura vegetal, sem a preocupação de construir algo em seu local.

Com o intuito de densificar sua crítica ao abuso cometido na extração da madeira existente no Paraná, Silveira Netto traz para sua narrativa informações a respeito de problemas que assolavam alguns países que não cuidaram de suas florestas. Segundo ele, os pavores da esterilidade que assolou a Galiléia, que ameaçava a Sibéria e que pesava sobre os Alpes Franceses deveriam servir de alerta à devastação que estava ocorrendo no Brasil e especialmente no estado do Paraná. Embora os exploradores das florestas brasileiras não sentissem ainda “as terríveis conseqüências da devastação”, eles a

praticavam “desabridamente, sem o cuidado da replantação, sem o carinho pelas arvores novas, e isso tanto nas sunptuosas araucárias do interior do Estado, como na magestosa matta que acompanha as margens dos nossos rios”. (SILVEIRA NETTO, 1914:73).



FIGURA 02. Destruição florestal às margens do rio Paraná
FONTE: Oliveira [1905]

A Figura 02 ilustra as discussões de Silveira Netto sobre a devastação da floresta às margens dos rios paranaenses. Pela clareira aberta nas proximidades do rio Paraná lançava-se as toras das árvores, cortadas no interior da floresta, que rolavam até o rio, onde eram acopladas às balsas que as transportavam, aproveitando a correnteza do rio, até os portos argentinos. Essa prática perdurou durante muito tempo e nos lugares destas clareiras, muitas vezes, surgiram portos e formações populacionais ribeirinhas ao Paraná. (WACHOWICZ, 1982; COLODEL, 1988).

Somente depois de todas estas discussões sobre a região da fronteira é que Silveira Netto inicia sua narrativa sobre os saltos do Paraná e do Iguaçu, da qual discutiremos apenas a que se refere ao segundo. A constituição da paisagem das cataratas só se inicia

depois de constituída também as principais características da região em que estão inseridas. Desta forma, é interessante ressaltar que a narrativa sobre as quedas, está atrelada à “responsabilidade”, talvez, de chamar a atenção para o todo que formava a paisagem. As cataratas do Iguazu, na narrativa de Silveira Netto, não eram apenas as quedas d’água, elas estavam inseridas num espaço maior que, assim como elas, necessitavam de visibilidade no cenário nacional. Da mesma forma que as cataratas, tidas como espaço de beleza e de perfeição natural, a situação da colônia também precisava ser mostrada, discutida, pensada e valorizada. Sendo assim, a paisagem “natural” não é um apêndice, um espaço à parte, mas sim um elo numa imensa corrente, uma das raízes deste rizoma que representava a região oeste que, assim como se identificava com os rios, era também um território cheio de problemas político-administrativos, de vias de comunicação e transporte precárias, de conflitos sociais entre capitalistas estrangeiros e colonos brasileiros, enfim, os autores não “maquiam” a região com o pitoresco cenário das cataratas.

Entretanto, as descrições deste espaço do rio Iguazu se distinguem no quadro geral das análises deste autor. Ao constituir a paisagem pela memória, o narrador mudou o tom do discurso, construindo um texto maravilhado e extasiado diante do que definiu como um espaço “indescritível”. Ao perceber a limitação do estilo narrativo, Silveira Netto várias vezes se fez poeta, deixando o verso descrever a imagem que considerou inexplicável. Junto com os versos, as fotografias que ilustraram seu livro também colaboraram com a intenção de “visualizar” as “maravilhas supremas” do Iguazu.

A viagem às cataratas...

Para descrever as cataratas do Iguazu, Silveira Netto produz um texto memorialístico sobre a viagem que fez da colônia aos saltos.

Ao que tudo indica, essa viagem foi feita por ele, em comitiva, ainda no ano de 1905, com a duração de dois dias. Munidos de gêneros alimentícios e materiais para o pernoite, partiram da colônia a cavalo para percorrer as picadas que levavam mata adentro rumo aos saltos. O caminho era repleto de ínvios atalhos por onde um homem precisava ir à frente da comitiva reabrindo os caminhos a facão e, mesmo assim, para passar por eles, o viajante deveria estar sempre com o dorso abaixado, a fim de se proteger dos galhos pendentes ou dos espinhos. Contudo, a mesma mata que agredia era um cenário de poesia e foi neste estilo que Silveira Netto buscou exprimir as primeiras sensações do contato com a floresta.

E' a floresta que sandalos trescala
E contempla, do nemoroso arcano,
O céu que amplo se arqueia azul e opala,
Como o reflexo concavo do oceano.
Templo das selvas, onde freme a escala
Do rugido ao gorjeio, e em cada anno,
Sob a fronde que o vento sul embala,
Canta o fructo do poema virgiliano.
Quando se esvae o dia na quebrada,
E tembla o grito da araponga como
O écho estridente de uma martellada,
E a dolencia do Occaso a matta invade,
Do tronco adusto ao sasonado pomo,
Canta a floresta a nenia da saudade.
(SILVEIRA NETTO, 1914:104-105).

Nestes versos, Silveira Netto resumiu uma longa narrativa em que buscou descrever, num conjunto organizado, uma multiplicidade de caracteres que faziam parte do espaço percorrido por ele nesta viagem. As imagens coloridas da vegetação mesclando várias tonalidades dos verdes das folhas com os vermelhos, laranjas e amarelos das flores; os azuis das borboletas e do céu matizado com o branco das nuvens; as cores escuras dos troncos e os cinzas e beges das folhas secas que cobriam o solo marrom terra. Nesta conjuntura de cores, Silveira Netto insere o efeito do farfalhar do

vento que, ao mesmo tempo em que estremecia as folhas, trazia o cheiro dos frutos maduros colhidos por pássaros de belas plumagens e de sonoros cantos. Enfim, a paisagem constituída na narrativa e sintetizada no verso é idílica e pitoresca, romântica e simbólica, pois constrói um espaço idealizado onde a natureza representa a essência da perfeição e da própria arte, traduzida aqui pela poesia de Silveira Netto.

A forma como descreveu as cataratas também não foi diferente. O canto da araponga e o cicio do vento a balançar a vegetação foram sufocados por “um sussurro continuo e bárbaro” que invadia a floresta, num som tão grave que apavorava. À medida que a comitiva em que estava Silveira Netto avançava pela selva, um tipo de murmúrio avolumado e tenebroso invadia a floresta aguçando a curiosidade e a imaginação dos viajantes. Tal ruído começou a ser percebido a três quilômetros de distância, como que prevenindo o “espírito atilado para todas as surpresas da excursão”. Ao chegar ao local indicado, Silveira Netto pôde, enfim, visualizar “a ampla e tumultuosa epopéia das águas”. (SILVEIRA NETTO, 1914:106).

Para Silveira Netto, nem mesmo a arte poderia representar a singularidade das cataratas. Não havia paisagistas, poetas, cronistas e fotógrafos capazes de exprimir, através de seus ofícios, a perfeição da natureza de um rio que se desmorona em tal multiplicidade de saltos. Silveira Netto até cita alguns paisagistas como Batista da Costa e Antonio Parreiras, cujas obras até conseguiriam retratar a paisagem da campina e da floresta que circuncidavam os saltos, mas a cachoeira não. Segundo Silveira Netto, não havia sugestão de formas e tintas, nem técnicas ou processos de pintura capazes de imprimir em tela ou em texto as maravilhas formadas por aquelas águas revoltas; tanto a genialidade imaginativa de Leonardo da Vinci quanto os intensos processos de pintura de Rembrandt seriam ineficazes em tal empreita. Para Silveira Netto, “nem a narração, nem

a tela, nem a photographia transmittem, ou dão idéa siquer, da superesthesia com que nos empolga aquella febre de movimento e belleza”. (SILVEIRA NETTO, 1914:107).

E' o estrondo cruel, que aos espaços afronta,
De algum monte a rolar por abismos sem conta ?
E' do rio o fragor violento que reboa,
Do rio que, revolto, em cachões escachoa;
Echoando a despertar, de quebrada em quebrada,
Azaléas em flor, chilros em revoada. (SILVEIRA NETTO, 1914:110).

Podemos asseverar, a partir dessa referência de Silveira Netto, que a paisagem das cataratas do Iguaçu não pode ser representada apenas em seu aspecto visual. Em sua narrativa emerge um discurso que constrói a paisagem subsumida num caráter sensorial e corpóreo, pois é a emoção e a “superestasia” que jamais seriam captadas, sugeridas ou representadas de outra forma que não a presencial. Por isso, Silveira Netto afirma que todo ou qualquer meio artificial, que tentasse retratar a natureza das cataratas do Iguaçu, seria ineficaz por “faltar o rumor e a nitidez da coisa vista; a alma por assim dizer da transparência e do turbilhão das águas; só a impressão direta, pessoal, dará conta de semelhante quadro”. (SILVEIRA NETTO, 1914:107). Neste sentido, constitui-se um vínculo muito forte entre o espaço natural e os seres humanos que, culturalmente, estabelecem esse espaço como paisagem e nela inserem seus juízos de valor que, no caso das cataratas, estão sempre relacionados à beleza e assombro. Contudo, por mais que Silveira Netto afirmasse a limitação da fotografia para a representação das cataratas, ele acabou inserindo algumas imagens fotográficas dos saltos.



FIGURA 03. Panorama dos “Saltos do Iguassú ou Santa Maria”
FONTE: Oliveira [1905]

Esta figura, adaptada e diminuída para constar nesta página, é, na verdade, um *poster* de aproximadamente 40 cm de largura por 23 cm de altura, sendo um dos grandes destaques do livro de Silveira Netto. É importante também ressaltar que o referido encarte aparece antes mesmo de qualquer descrição dos saltos, fazendo com que o leitor visualize a paisagem para depois ler sobre ela. Além disso, é sugestiva a forma de apresentar as cataratas primeiramente em seu conjunto numa “vista panorâmica”, o que, segundo vários narradores, inclusive Silveira Netto, era um privilégio do lado brasileiro. Neste sentido, entendemos que vários discursos emergem desta fotografia, que não é comentada, nem apresentada por Silveira Netto, e que, num primeiro momento, pode apenas ser entendida como uma imagem ilustrativa. No entanto, este cenário estabelece ligações muito próximas às discussões que Silveira Netto vai expor após sua descrição maravilhada dos saltos, numa narrativa constituída com dados posteriores à visita feita por ele às cataratas.

Novamente, Silveira Netto avança temporalmente na narrativa inserindo discussões que só seriam possíveis após a assinatura dos “Artigos Declaratórios da demarcação de fronteiras entre os Estados Unidos do Brasil e a República Argentina” ocorrida em 04 de outubro de 1910 no Rio de Janeiro. Já anotamos esse contínuo avançar e retroceder da narrativa de Silveira Netto devido

às mudanças ocorridas entre 1905, ano em que morou na colônia e visitou os saltos, e 1910-14, anos em que organizou a documentação e publicou o livro. Neste sentido, entendemos que as expressões referentes às memórias e as construções de textos, por vezes memorialísticos, certamente foram reelaborados e re-significados por Silveira Netto. O mesmo ocorreu com a segunda edição do livro, publicada em 1939, onde o autor retirou os poemas, atualizou as fotografias e reconstruiu a ordem do texto narrativo. Sendo assim, é sempre importante atentar para essas questões do tempo da narrativa, e das escolhas conscientes do autor quando insere em seus escritos detalhes de um ou de outro momento de sua vida.

O caso de Silveira Netto é bem sugestivo, pois a descrição das cataratas tem os aspectos de uma lembrança, de um diário de viagem e ele estabelece bem o papel do passado na constituição daquele texto. Porém, no parágrafo seguinte, levanta questões cheias de juízo de valor do tempo em que escreveu o livro sem a preocupação de distinguir o que fazia parte da viagem e o que fazia parte de seus conhecimentos posteriores. Desta forma, despreocupadamente, Silveira Netto muda de um assunto para outro construindo uma narrativa marcada pelo tempo da obra, fazendo com que, vez ou outra, apareçam conteúdos de suas lembranças. É assim que, por exemplo, no parágrafo posterior à afirmação sobre a ineficácia da arte e da fotografia na representação das cataratas – fator que o autor constrói como um fato da memória da viagem de 1905 – emerge, na narrativa, a explicação detalhada de quais eram os saltos brasileiros e os argentinos, fato estabelecido somente com a assinatura, em 1910, dos artigos declaratórios dos limites entre Brasil e Argentina. Com isso, Silveira Netto possibilita, no interior do texto memorialístico, a inserção de um conteúdo que fosse capaz de historiar o processo de constituição da fronteira. Neste discurso,

emergem os conflitos na determinação do ponto limite dos dois países no rio Iguaçu e as críticas que Edmundo de Barros⁸ fez à comissão mista de assuntos de fronteiras entre Brasil e Argentina no que diz respeito à delimitação do talvegue do rio Iguaçu nas cataratas. As discussões englobam ao mesmo tempo a constituição da paisagem das cataratas e o papel do rio Iguaçu como marco de limite e fronteira.

Estas discussões sobre os limites entre Brasil e Argentina se intensificaram a partir da segunda metade do século XIX diante das controvérsias sobre as cabeceiras dos rios Peperi-guaçu e Santo Antônio, sendo o primeiro um tributário do rio Uruguai e o segundo do rio Iguaçu. Para auxiliar na resolução do litígio entre os dois países, foi eleito como árbitro o Presidente dos Estados Unidos que, através de um Laudo Arbitral assinado em 1895, deu ganho de causa ao Brasil. A partir desse laudo do presidente Grover Cleveland, foi assinado um Tratado no dia 04 de outubro de 1898 estabelecendo os limites dos dois países tendo por base a linha entre a cabeceira dos dois rios e suas respectivas barras nos rios Uruguai e Iguaçu. Além disso, este documento legitimou a atuação de uma Comissão Mista Brasil e Argentina para estudos de delimitação e demarcação nas áreas limítrofes, principalmente as que se referiam às ilhas existentes no rio Uruguai e Iguaçu. Esta comissão mista foi também incumbida de estabelecer o local exato do talvegue do rio Iguaçu na formação das cataratas possibilitando, assim, a comprovação legal dos saltos pertencentes a um e a outro país. Estes trabalhos de demarcação foram feitos nos primeiros anos de 1900 e ratificados definitivamente em 1910, com a assinatura dos Artigos Declaratórios

⁸ Edmundo Xavier de Barros foi diretor da Colônia Militar da Foz do Iguaçu e, em 1897, fez a primeira planta dos Saltos, delimitando o *talweg* ou talvegue do rio Iguaçu nas Cataratas. Através desta definição, seria possível delimitar quais saltos pertenciam ao Brasil e quais à Argentina. Alguns autores afirmam ainda que Barros desenhou o primeiro plano para a constituição do Parque Nacional do Iguaçu, difundido por ele desde 1889 e presente na planta das cataratas. Para maiores detalhes cf. Muricy (1896) e Karpinski (2011:133-166).

da demarcação de fronteiras entre os Estados Unidos do Brasil e a República Argentina.⁹

A definição do talvegue do rio Iguaçu nas cataratas se deu entre outubro de 1903 e agosto de 1904 estabelecendo o salto denominado “União” como aquele que dividia as águas internacionais e possibilitava a identidade dos lados das cataratas brasileiras e argentinas. Esta decisão da comissão gerou muita polêmica entre os brasileiros que conheciam a localização dos saltos e que defendiam a existência de dois talvegues. Segundo Silveira Netto, o principal articulador desta “resistência” à decisão da comissão foi o capitão Edmundo de Barros pelo seu profundo conhecimento da região e pela planta detalhada que havia elaborado em 1897, a qual estabelecia que o Salto Quinze de Novembro (o que a comissão denominou União) e todos os adjacentes que caíam diretamente no caixão de pedra (Garganta do Diabo) pertenciam ao Brasil.

A emergência deste assunto nas discussões de Silveira Netto deslinda posições divergentes nas questões que estabeleceram os limites no rio Iguaçu. A postura de Edmundo de Barros, além de ser emblemática foi bem fundamentada através de seus estudos e da própria planta dos saltos que obteve, em fins do Século XIX, grande repercussão e aceitação dos dois lados da fronteira. Seus questionamentos apontavam para a falta de luta dos brasileiros que faziam parte da comissão e que cederam às exigências argentinas. Segundo Silveira Netto, Edmundo de Barros publicou um artigo em revista de Curitiba a fim de demonstrar seu descontentamento e defender os direitos do Brasil na demarcação de limites pelo Iguaçu. Nesta publicação, a maior frustração de Edmundo de Barros era a de que justamente o maior salto, aquele que fora batizado com a data

⁹ Para a íntegra do Laudo Arbitral do Presidente Grove Cleveland, do Tratado de 1898 e dos Artigos Declaratórios de 1910 cf. FRONTEIRA Brasil/Argentina (2009).

da proclamação da República, que em sua concepção era brasileiro, ao ser determinado como o limite arrebatou outros de igual beleza e já batizados com alguns nomes da causa republicana. Ao narrar o posicionamento de Edmundo de Barros ante a decisão da comissão de limites, Silveira Netto divulga também as diversas relações constituídas em torno das cataratas e as noções de pertencimento construídas ao longo do tempo por aqueles que lutavam pelo seu domínio.

Justamente a maior queda do grande talweg é o salto «Quinze de Novembro» (propositalmente já apontado por aventureiros dali com sendo o «União», cuja cessação arrebatou-nos a de outros muitos, trazendo todos, incontestes desde 1892, nomes dos proceres de nossa Patria Republicana. Com estes perderemos mais, até chegar ao verdadeiro «União Americana», numerosas e vastas ilhas, rasas e algumas arborizadas. (BARROS, 1919:13)

Por mais que Silveira Netto tenha elogiado a postura do governo argentino na defesa do seu território nas cataratas, ao discutir a importância dos trabalhos e da posição crítica de Edmundo de Barros ele induz o leitor a perceber que o Brasil, por mais que não tivesse ações concretas, também havia se interessado pelas cataratas. Havia planos, estudos viáveis e projetos simples de aproveitamento e de povoamento da região feitos por brasileiros e que, por não serem assumidos e geridos pelo governo brasileiro, oportunizaram o avanço das ações argentinas. Para Silveira Netto, não faltaram ao Brasil, boas idéias e bons estudos para transformar em realidade o que já era planejado desde 1892.

Silveira Netto leva o leitor a perceber que, enquanto o governo brasileiro não tomava posse desta paisagem, o país vizinho anunciava sua existência e levava os “louros” de sua descoberta no exterior, como foi a divulgação das cataratas no Congresso de Geografia em Washington e St. Louis. O jornal que serviu de anais

para o evento em questão, o *The St. Louis Port Dispatch*, em sua edição de 16 de outubro de 1906, assim anunciou a descoberta das cataratas:

acaba de ser descoberta a maior cataracta do mundo. É uma queda de agua tão grande que excede às cataractas do Niágara e do Zambéze, [...] estava escondida em uma floresta impenetravel, distante 1.000 milhas da mais proxima cidade. Esta novissima descoberta, assombro do mundo, [...] está situada em um rio divisa do Brasil com a Argentina. Chama-se a cataracta do Iguassú, a mais importante descoberta do seculo XX. (SILVEIRA NETTO, 1914:128, 136)

O que chamou a atenção foi o fato curioso de que a “descoberta” revelada ao Congresso Internacional de Geografia norte-americano foi devida à República Argentina, sendo que desde 1888, o governo brasileiro tinha uma colônia militar bem próxima aos saltos, o que não apareceu em nenhum momento nos citados documentos que deram notícia da descoberta. A inserção deste dado, na narrativa de Silveira Netto, intensifica sua tese de que, enquanto as ações políticas brasileiras fossem morosas no sentido de tomar posse da paisagem, o mundo creditava à Argentina, a existência dela. E o seu alerta vai mais longe: “e não é que brasileiros, em diversas épocas, não se tenham esforçado por levar a atenção dos poderes publicos áquelas paragens, tentando «descobrir» para o proprio Brasil os grandes Saltos do Iguassú [...]”. (SILVEIRA NETTO, 1914:128)

Desta forma, entre denúncias e críticas, elogios e destaque aos trabalhos em que brasileiros procuravam chamar a atenção das autoridades para a existência desta paisagem, Silveira Netto vai intercalando algumas imagens das quedas. As fotografias não são descritas, não possuem legendas e são pouco valorizadas por sua

escrita, mas pontuam as discussões como um pano de fundo pelo qual emerge uma série de conflitos e de relações de poder que marcam ao mesmo tempo a história da paisagem e do território ao qual está inserida.



FIGURA 04. Vista parcial dos Grandes Saltos do Iguassú
FONTE: Oliveira [1905]

Entre discussões e imagens, Silveira Netto não deixa de romancear a próprio rio Iguazu que “aberto no granito” possui seu “leito sobrelevado a 60 metros num paredão inabarcável a um golpe de olhar; torcendo-se entre recortes e arestas salientes, em violenta curva de cachoeiras que espadanam dia e noite”. (SILVEIRA NETTO, 1914:137) A singularidade deste rio “paranaense”, o faz, na narrativa de Silveira Netto, um dos mais belos deste estado. Além disso, as representações de sua monumental cachoeira fazem com que o culto à Natureza se intensifique ainda mais no Brasil dos primeiros anos republicanos, onde se busca construir símbolos de belezas imaculadas e imperecíveis para identificar o país, das quais,

certamente, para os autores paranaenses, as cataratas deveriam ocupar um lugar de destaque. Sendo assim, o rio Iguaçu passa a ser, na construção discursiva em torno da paisagem das cataratas, o rio de um espetáculo natural constituído em meio a muitas disputas por seu domínio.

Considerações finais

A constituição histórica da paisagem das Cataratas do Iguaçu está intimamente ligada à história da região Oeste do Paraná. Nas análises e discussões deste artigo, percebemos a emergência de discursos que, embora impregnados de fatores idílicos e romanescos na descrição da Natureza, não se desviam dos problemas sociais e econômicos que historicamente envolvem o espaço a que fazem parte paisagens tão singulares ligadas a rios, suas quedas e florestas. Desta forma, com as discussões referentes à história das paisagens podemos indagar sobre a construção histórica do território, pensado aqui com as interconexões de espaço, lugares, memórias, cultura e significados.

O caso específico da narrativa de Silveira Netto, na rápida releitura que propomos neste artigo, possibilita a incursão de uma série de fatores que merecem profundos estudos ainda, tais como a constituição de um projeto de divulgação das belezas naturais das cataratas já em fins do Século XIX e início do XX, os conflitos internacionais em torno dos domínios da paisagem e as construções primárias de conservação e racionalização no uso dos recursos naturais da região. De certa forma, estas incursões estão em nossa tese de doutorado da qual recortamos apenas uma das três narrativas analisadas sobre as Cataratas do Iguaçu.

Sendo assim, ao pesquisarmos a história da paisagem das Cataratas do Iguaçu através de uma série de documentos produzidos

entre 1889-1914, encontramos assuntos que podem contribuir tanto para a historiografia regional quanto para a história das relações internacionais entre Brasil, Argentina e Paraguai no que diz respeito ao trato com as paisagens, recursos ambientais e conflitos legais em torno dos limites de fronteira. É instigante ainda o fato de que estas problemáticas estão interconectadas com os fatores ambientais, principalmente se levarmos em conta o papel dos rios como divisas internacionais e da floresta nas atividades econômicas ligadas à extração da madeira e da erva-mate.

A obra de Silveira Netto, em particular, embora bastante difundida, possui aspectos importantes sobre a região oeste nas discussões sobre Sete Quedas e Cataratas que merecem estudos detalhados e com cruzamento de fontes existentes nos países vizinhos, propostas de nossas pesquisas futuras.

Fontes e Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARROS, Edmundo Francisco Xavier de. **Partilha internacional dos grandes saltos do Iguassú**. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*. Curitiba, a.II, v.2, p.9-25, 1919.

BASALDÚA, Florêncio de. *Pasado, presente, provenir del territorio nacional de Misiones...* *Apud*. SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diario Oficial, 1914, p.40.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Lisboa: Difel, 2002.

COLODEL, José Augusto. **Obrages & Companhias colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense**. Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988.

FRANÇA, Serafim. Iguassú. *Poema de [1910]*. In: SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diario Oficial, 1914, p.11.

FRONTEIRA Brasil/Argentina: breve histórico. [S.l.]: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.info.lncc.br/argentina.html>>. Acesso: 24 jun. 2009.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.34.

KARPINSKI, Cezar. **Navegação, Cataratas e Hidrelétricas: discursos e representações sobre o Rio Iguaçu (Paraná, 1853-1969)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

MELLO, Sílvia Gomes Bento de. **Esses moços do Paraná: livre circulação da palavra nos albores da república**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2008.

MOISES, Massaud. **O simbolismo (1893-1902)**. São Paulo: Cultrix, 1966.

MURICY, José Cândido da Silva. **A' Foz do Iguassú: ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava á Colonia da Foz do Iguassú em novembro de 1892**. Curitiba: Impressora Paranaense, 1896.

NASCIMENTO, Domingos Virgilio do. **Pela fronteira**. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903.

OLIVEIRA, Aristides. Barra do Rio Iguacu no Rio Paraná. [1905]. 1 fotografia p&b. In:

SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diario Official, 1914, entre p.36 e 37.

_____. **Destruição florestal às margens do Rio Paraná. [1905]. 1 fotografia p&b. In:** SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. *Do guayra aos saltos do Iguassú*. Curitiba: Typographia do Diario Official, 1914, p.68.

_____. **Panorama dos saltos do Iguacu ou Santa Maria [1905]. 1 fotografia p&b. 40 x 23 cm. In:** SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. *Do guayra aos saltos do Iguassú*. Curitiba: Typographia do Diario Official, 1914, entre p.90 e 91.

_____. **uma vista parcial dos grandes saltos do Iguacu. [1905]. 1 fotografia p&b. In:** SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. *Do guayra aos saltos do Iguassú*. Curitiba: Typographia do Diario Official, 1914, entre p.126-127.

PARANÁ, Sebastião. **Chorographia do Parana**. Curitiba : A. Rocha, 1899.

SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diario Official, 1914.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense**. Curitiba: Vicentina, 1982.

Artigo recebido em 18/06/2011

Artigo aceito em 17/11/2011

